

# INUSITADOS SUICIDAS<sup>1</sup>

## UNUSUAL SUICIDALS

Eliane Cristina Chieregatto<sup>2</sup>  
Walnice Aparecida Matos Vilalva<sup>3</sup>

**RESUMO:** Não é novidade que a ficcionalização da morte está presente na extensa tradição literária. Seja natural, acidental, criminoso ou voluntária, ela permeia narrativas que intentam condensar a perspectiva de lançar um olhar crítico sobre a vida. É isso também que observamos no romance *De Gados e homens* da escritora brasileira Ana Paula Maia. Ao explorar o suicídio

1 Este artigo é resultado de parte da avaliação na disciplina “O Romance Contemporâneo”, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup>. Vera Maquêa no PPGEL/UNEMAT, na primavera de 2020.

2 Doutoranda no PPGEL/UNEMAT, Mestra em estudos literários, professora da rede pública de ensino no Estado de Mato Grosso. E-mail: elianechieregattotga01@gmail.com

3 Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2004), Pós-doutora pela Universidade de São Paulo. É professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: walnicevilalva@unemat.br

coletivo de animais paramentado num contexto de miserabilidade, exploração, submissão, desagregação de laços sociais, a morte coletiva traslada o valor alegórico através do qual problematizamos, neste trabalho, a justificabilidade moral do suicídio frente a condições indignas de vida.

**PALAVRAS CHAVES:** Suicídio. Romance. Vida, Dignidade. Ana Paula Maia.

**ABSTRACT:** It is not novel that the fictionalization of death is present in the extensive literary tradition. Whether natural, accidental, criminal or voluntary, it permeates narratives that seem to condense the prospect of taking a critical look at life. This is also, what we observe in the novel *De Gados e Homens* by the Brazilian writer Ana Paula Maia. When exploring the collective suicide of animals in a context of poverty, exploitation, submission, disintegration of social ties and collective death transferring the allegorical value through which we problematize, in this work, the moral justification of suicide in the face of unworthy conditions of life.

**KEYWORDS:** Suicide. Romance. Life. Dignity. Ana Paula Maia.

## INTRODUÇÃO

O romance *De gados e homens* está estruturado em torno de mais uma etapa da vida do protagonista Edgar Wilson, personagem cuja trajetória começa a ser construída pela escritora brasileira, Ana Paula Maia, em *A guerra dos bastardos* lançado em 2007. Sempre atuando em funções subalternas, o percurso percorrido por Edgar Wilson parece incorporar a intenção de dar visibilidade àqueles que são banidos da sociedade e de certa forma também da ficção. No romance em análise, o personagem exerce a função de atordoador de gado. O recorte selecionado para essa investigação centraliza-se no inusitado episódio do suicídio dos animais do matadouro, dado o potencial dialógico que este apresenta com os contextos em que a autora insere seus personagens e por considerá-lo também um

marco importante para pensar o contemporâneo.

A ficcionalização do suicídio humano não é nenhuma novidade, na extensa tradição literária a morte autoinflingida permeou as mais diferentes produções estando fortemente arraigada no romance desde o seu florescimento no início da era moderna. Centrado como um dos tabus que resiste às mudanças ocorridas no decorrer dos séculos, vale pontuar que somente na literatura se conserva o valor heroico do ato. Seja por amor, por honra, ou desespero, o suicídio na ficção não comporta os mesmos julgamentos morais que são fecundos na sociedade, assim, a literatura apresenta espaço favorável à problematização da morte autoinflingida. Em função da influência da religião, da filosofia e da política, matar-se é até hoje uma ação moralmente censurável, o que objetivamos a partir dessa constatação é problematizar as questões que sustentam os convencionalismos em relação ao ato, contrapondo-os ao um contexto em que a gestão da economia global banaliza tanto a vida quanto a morte, conforme é explorado no romance de Maia.

Considerando tal proposta achamos válido pontuar que a filosofia, especialmente as vertentes influenciadas pelas proposições de Platão e Aristóteles, compreendem a vida como um dom divino não sendo permitido ao homem dela dispor. Segundo tal entendimento, cabe aos indivíduos a tarefa de combater qualquer intento de agir contra a própria vida. Essas defesas influenciaram sobremaneira as religiões cristãs que elevaram o suicídio à condição de pecado mortal, embora, segundo Georges Minois (2018, p. 21) “A condenação de princípios do suicídio na civilização cristã não é nem evidente nem original. As fontes religiosas do cristianismo são, na verdade, omissas, ou melhor ambíguas, a esse respeito”. A vida cristã persevera, contudo, certos princípios norteadores, cuja prerrogativa fortalece entre os seguidores a ideia de que a morte do verdadeiro cristão deve servir como testemunho da fidelidade ao criador, ou seja, ainda que a vida siga um curso desprezível não deve o homem buscar a morte, mas, suportar com bom ânimo as intempéries visando o alcance da glória reservada aos que são fiéis.

Entre as vozes que discordam dessa prerrogativa no campo filosófico, ressoa a de David Hume, que labora no árduo exercício de

tirar o suicídio da perspectiva dos círculos antinaturais em que foi colocado em função da influência da religião e da própria filosofia. Levantando como questão problema se em todas as circunstâncias o suicídio pode ser um ato moralmente injustificável, o que Hume intenta fazer não é naturalizar ou banalizar o ato, mas desmistificar o peso da condenação moral que sobre ele ainda incide. Segundo o filósofo, partindo do pressuposto que compete à própria filosofia ser um antídoto contra as superstições e falsidades, compete a ela bem interpretar as leis morais, Hume contrapõe Aristóteles, Platão e outros filósofos, pontuando que se a criação da natureza é obra de Deus, e sendo o suicídio parte desta natureza, regido, portanto, pelas mesmas leis, não se pode afirmá-lo como antinatural.

Ademais, segundo Hume, nunca se ouviu dizer que alguém tentou contra a própria vida sendo ela digna de ser vivida. O fato é que o filósofo abre um parâmetro por meio do qual se pode questionar a percepção historicamente construída em torno do suicídio. Tomando as proposições de Hume como norteadores para essa discussão, o que intentamos problematizar são as ideias que ainda sustentam o suicídio como um dos últimos tabus da humanidade, confrontando tais ideias com o cenário explorado por Maia no romance, ou seja um panorama em que tanto a vida quanto a morte são banalizadas. A narrativa tece aberturas para essa problematização se considerarmos que no contexto do que é narrado, nem as leis divinas tampouco as instituídas pelos homens conseguem garantir dignidade as vidas, sejam humanas ou não. Estando, portanto, na modernidade, vida e morte renegadas e banalizadas em função do capital, a questão que nos norteia é: como diante de realidades tão opressoras poderão os homens preceituar sobre a liberdade de escolha entre vida e morte?

Ao trazer o suicídio não humano para a esfera dessa discussão, o que se pressupõe no romance de Maia é a evidente intenção de questionar justamente a perspectiva do dominador historicamente instituído, ou seja, o homem. Analisando essa possibilidade, entende-se que também a ficcionalização de personagens invisíveis num contexto de vida moderna, em que a falta de expectativa, a crueldade, aliados a ambientes sujos, ensanguentados, viscerais,

ancora a possibilidade de entender o auto aniquilamento em *De gados e homens* como um fenômeno de origem social.

Nesse sentido, vale a pena pensar nas proposições de Durkheim (2000) que parametriza o ato de tirar a própria vida a partir de três conceitos distintos, dentre os quais o suicídio anômico, parece circunscrever-se ao enredado no romance de Maia. Deriva esse conceito de uma dissolução das regras sociais cuja principal consequência seria o caos. A anomia, segundo o sociólogo corresponde a uma forma de subordinação legitimada pelo enfraquecimento dos vínculos sociais entre indivíduos. Conforme o autor:

A anomia é portanto em nossas sociedades modernas, um fator regular e específico de suicídios; é uma das fontes em que se alimenta o contingente anual. Por conseguinte estamos diante de um novo tipo, que deve ser distinguido dos outros. Difere deles na medida em que depende, não da maneira pela qual os indivíduos estão ligados à sociedade, mas da maneira pela qual ela os regulamenta. (DURKHEIM, 2000, p. 329)

A desagregação forçada dos laços sociais, de acordo com o exposto, pode se tornar potencializadora do suicídio estando estreitamente relacionada à forma como os indivíduos estão submetidos à sociedade. No romance *De gados e homens* se observa que as personagens estão conjugadas a uma forma de organização social estruturada desde o começo da era moderna, quando espaço e tempo se tornaram categorias distintas, esta divisão teve como principal sequela a compartimentação do trabalho e com isso a cisão entre o espaço da experiência fincado na tradição e um horizonte de expectativas centradas num novo e incerto mundo. Nessa nova organização o indivíduo troca a força de trabalho pelo capital. Analisando conforme a teoria durkheimiana, as questões problemas que se apresentam no contexto do romance de Maia, isto é, a precarização do trabalho, a miséria, a violência, são percebidas como consequências de uma forma de gestão que se oportuniza não da vida, mas da mera sobrevivência, e na condição de sobrevivente, o homem torna-se apenas um objeto intrincado entre a força

produtiva e o lucro.

A percepção dessa conjectura pode ser pressentida na forma como Edgar Wilson compreende o contexto no qual está inserido, como evidência o seguinte fragmento:

Edgar Wilson nunca comeu um hambúrguer, mas sabe que a carne é moída, prensada e achatada em formato de disco. Depois de frita, é colocada entre duas fatias de pão redondo recheado com folhas de alface, tomate e molho. O preço de um hambúrguer equivale a dez vacas abatidas por Edgar, já que recebe centavos por cada animal que derruba. Por dia precisa matar mais de cem vacas e bois e trabalha seis dias na semana, folgando apenas no domingo. A produção no matadouro está se intensificando e será necessário contratar mais um atordoador. (MAIA, 2014, p. 13)

O trecho nos permite confirmar o que pontua Durkheim, que a anomia se encontra em estado crônico no mundo do comércio e da indústria, isso porque o comerciante que antes conseguia atender apenas as necessidades da vizinhança imediata, hoje “pretende ter como cliente o mundo inteiro” (DURKHEIM, 2000, p. 325). Origina-se a partir disso maior demanda por força produtiva e conseqüentemente piores condições de trabalho. O fato de o personagem calcular as dissonâncias entre a tarefa que executa e o produto final que dele resulta, o qual inclusive nunca tinha experimentado, implica que ele é capaz de reconhecer sua posição, isto é, ele expressa ter consciência do processo de exploração ao qual está submetido, ao mesmo tempo isto não é um indicador de que consiga se desvencilhar da situação, colocando-se numa posição reivindicativa de direitos sejam individuais ou coletivos, justamente porque os laços sociais fraternais foram desintegrados fazendo com que os sujeitos tenham dificuldades em absorver a noção de coletividade e do seu valor diante desse coletivo.

Numa importante retomada da embativa demanda em torno da vida digna de ser vivida, levanta por Hume, o que se observa em *De gados e homens*, mas também em outras narrativas de Maia, e que parece corroborar com a discussão proposta, é que ao alargar

espaços aos seres pouco convencionais na literatura brasileira como o presidiário, o assassino, o peão, o matador, o cremador, o coletor de lixo e de cadáveres, o animal de rinha, o porco, ou o boi que será abatido, propõe-se um salto profundo e necessário na direção dos difíceis dilemas predispostos à humanidade na era moderna. Essas narrativas expõe as feridas sociais que alicerçadas na exploração, na miséria, na fome, nas injustas condições do trabalho, colaboram progressivamente com a banalização da violência e da morte. Isso implica na solidificação de uma conjuntura cada dia menos sustentável à vida em todas as suas formas.

No tocante às questões que alicerçam a sustentabilidade da vida em contraposição com à gestão política e econômica, Giorgi (2011) elabora uma interessante discussão sobre as escritas de matadouros, segundo ele até se poderia relacionar o matadouro, por exemplo, como um dispositivo que separa vida e morte, tanto quanto o humano do animal, contudo, “as escrituras dos matadouros narram, insistentemente, o fracasso dessa missão: a morte do animal não permanece no matadouro, nem no “animal”; as histórias de matadouro dão conta, justamente, dessa instabilidade” (GIORGI, 2011, p. 203). Isso fica bastante evidente no romance quando um grupo de alunos visita o local da matança. Durante a aula que ali acontece, Edgar Wilson é questionado por uma das estudantes se não seria crime matar um animal daquela forma, indignado, Wilson não hesita em afirmar que sim, considera um crime matar o animal tão violentamente, porém, percebe-se que esta indignação não se dá apenas por que ele tem seu trabalho questionado, mas, por estar diante de alguém totalmente alheio ao processo em que também se insere como matador.

Edgar Wilson conhece o seu lugar e entende bem quais são as suas obrigações. Jamais foi questionado quanto às suas tarefas. Lida com homens de gado e mulheres miseráveis todo o tempo. Está habituado ao calor, à poeira, às moscas, ao sangue e à morte. É nisto que consiste um matadouro. Mata-se. Jamais tentou cruzar a cidade e ir do outro lado questionar a maneira como preparam os filés que ele jamais comerá. Ele não se importa com isso. Não se importa

com quem comerá o boi que abate, importa-se em encomendar a alma de cada ruminante que cruza o seu caminho. Acredita que eles possuem uma e que ele dará conta de cada uma delas quando morrer. De cada quinhentos uma alma.

— A senhora já comeu um hambúrguer?

A mulher responde que sim com a cabeça.

— E como a senhora acha que ele foi parar lá?  
(MAIA, 2014, pp. 71 -72)

O diálogo objetivo entre Edgar e a estudante revela aquilo que conclui Giorgi, a morte do animal não permanece no matadouro, embora fora dele ela se torne imperceptível e até banal. O alheamento da estudante em relação à produção do alimento que ela consome, vincula-se à estrutura que se funda em torno da economia que por sua vez considera o animal um produto, e no mesmo patamar estão, o trabalho e o trabalhador, ademais, tudo vai bem nesta cadeia produtiva, desde que o produto chegue ao destinatário. O desconhecimento, ou o alheamento de que tais realidades existem, sendo também palpáveis fora do espaço da ficção, resguarda a estrutura que se fundam em torno da gestão política da vida. É certo que esse alheamento pode se dar em função das distâncias estabelecidas entre o lugar da matança e os espaços do consumo, fazendo com que o primeiro realmente deixe de ser perceptível para a sociedade, que, além disso, é cotidianamente alvejada pelo poder midiático grande incentivador do consumo.

Nessa conjuntura, é importante considerar que o labor estético empreendido por Maia tanto em *De gados e homens* como em outras de suas narrativas dialoga também com a perspectiva de pensar aquilo que urge no nosso tempo, cuja abrangência ganha o *status* de agora. Para isso, é necessário mergulhar no que se denomina contemporâneo, um conceito ainda em construção, ponderando que sobre ele se estabelecem muitas pesquisas, e nem todas estão consolidadas, justamente em virtude desta relação com o tempo. Esse dado consensual entre pesquisadores, de que o contemporâneo situa relações com o tempo, faz do conceito



propriamente dito uma espécie de aporia.

Enquanto noção de tempo, Barbarena (2016, p. 460) tece a consideração de que “o contemporâneo ora inicia no pós-segunda guerra mundial, ora começa na virada do século XXI, ora inaugura-se após o medievalismo”. No entanto, o importante não chega a ser essa oscilação temporal que faz da contemporaneidade uma substância disforme, mas sim “a potencialidade de um mirar-através-do-sombrio da margem, do remoto, do subalterno, do ex-cêntrico.” (BARBARENA, 2016, p. 460) A sociedade moderna parece não ter sido projetada para a percepção do insulamento que distancia mesmo aqueles que estão amalgamados aos centros, porém, imperceptíveis por ocupar funções consideradas subalternas e que corroboram substancialmente para que a vida social alcance o patamar ponderável a ponto de ser considerada digna de ser vivida. Nesse sentido, as narrativas de Maia propõem justamente lançar olhar aos grupos invisíveis que compõe parte importante na sustentação dessa estrutura, esta não deixa de ser uma forma de problematizar a alteridade e denunciar as fragilidades dessa sociedade. A imersão que a romancista faz nas trevas do presente possibilita trazer para a superfície os dilemas que sustentam as ilusões da vida moderna.

Embora ambientado numa paisagem tipicamente rural, não se pode dizer que estão ausentes no romance os efeitos das transformações ocorridas em função de atender uma demanda cada vez maior e que não leva em conta as sequelas que vão se atrelando à manutenção da vida humana, como fica exposto no seguinte excerto:

Edgar Wilson tem que dirigir por quase uma hora por uma estrada que margeia o rio. É nesse rio que todos os matadouros da região lançam as toneladas de litros de sangue e resíduos de vísceras de gado. O rio corre para o mar, assim como o sangue das bestas do campo. (MAIA, 2014, p. 14)

A partir dessas injunções o romance de Maia permite questionar todo o arsenal discursivo que sagrou o homem como

dominador, e não se trata de extinguir nesta problematização o protagonismo humano, mas de reconhecer as lesões que resultam desta dominação e impactam significativamente tanto nas vidas humanas quanto nas não humanas, cujas consequências indistintamente são sofridas por todos. Não obstante, partindo desse reconhecimento, o que o romance propõe pode vincular-se também à necessidade de reordenar uma outra forma de se inscrever na história. Como se observa no fragmento, a gestão da vida perpassa por muitos aspectos e o romance em sua totalidade apresenta um itinerário bastante coerente para pensar essa possível reescrita da história, ponderando evidentemente o protagonismo humano sem, contudo, negar o das formas de vidas.

Ao avaliar, portanto, a gestão da vida, contrapondo-a às questões que permeiam o suicídio na percepção de Hume, percebe-se que não são assuntos díspares. O suicídio na extensa tradição literária ensina uma importante lição, que diante de determinados enfrentamentos só existem vencidos, é quando a morte se apresenta como única solução. A morte autoinflingida está circunscrita tanto na ficção quanto fora dela a momentos decisivos da história, circunstâncias em que predominam as crises de valores, em que as crenças e a espiritualidade fragilizadas tornam-se ineficientes para responder ao homem sobre as lacunas que se estruturam em torno de si. São justamente nesses momentos de confronto que segundo Minois (2018) tanto os dirigentes religiosos quanto os políticos tentaram e continuarão tentando assumir o controle sobre a gestão da vida. Escamotear discussões sobre o suicídio tem sido uma maneira recorrente de submeter a autonomia da própria vida às autoridades. Por isso é tão simbólico no romance de Maia o suicídio da primeira vaca.

A vaca inicia uma corrida desesperada em direção ao matadouro emitindo um longo mugido, que soa desafiador, e só para quando se lança de cabeça contra uma parede com tamanha força que seu corpo chega a se levantar do solo e cai debatendo-se até não emitir mais nenhum mugido. (MAIA, 2014, p. 64)

A cena em questão nos permite compreender que o desespero do animal vincula-se exclusivamente à existência do matadouro, é um confronto aberto, contudo, o alvo não são os matadores, mas o lugar que torna a vida indigna de ser vivida. Vale refletir, segundo o que aporta Minois (2018, p. 11), que “Uma das explicações psicológicas clássicas do suicídio é que, na maioria dos casos, o indivíduo volta contra si mesmo uma agressividade que ele não pode liberar contra os outros nas sociedades civilizadas”. Ao dispor no romance o animal como protagonista, muitas questões podem ser arroladas, independente destas questões, a cena reverbera tacitamente um desacordo com a vida.

Claro que o suicídio, nesse caso, absorve uma potencialidade discursiva, que conforme Jacques Derrida (2002), foi negada ao animal, porque na histórica construção da identidade do dominador coube ao homem dizer do animal quem ele é, e não o oposto. Essa configura também uma lacuna a ser preenchida numa possível reescrita da história, como propõe Derrida, dizer do homem quem ele é, configura uma pauta que se faz urgente em função da preservação de formas dignas de vida. Nesse caso, o potencial alegórico da morte voluntária do animal apresenta pertinência à provocação feita a respeito da supremacia humana, mas é, sobretudo, também uma maneira colocar em evidência a condição servil a que está submetido o homem, assujeitado igualmente à covardia e à desonra, porque nesta teia construída pela romancista, tal qual o animal que morre, no matadouro, na rinha, ou em espaços igualmente sujos e ensanguentados, o homem também segue despojado das virtudes que lhe são inerentes.

Isso se constata por exemplo no episódio envolvendo a morte estúpida de Burunga. Funcionário responsável por conduzir o gado ao abate, Burunga gosta de distrair os peões afundando a cabeça num tonel de água permanecendo com ela submersa o maior tempo possível enquanto os companheiros fazem suas apostas, acontece que Santiago, ajudante de Edgar Wilson, havia colocado, sem a ciência dos trabalhadores, uma enguia no tonel de água usado por Burunga para promover a diversão, o peixe descarrega seu potencial elétrico no homem, que morre instantaneamente. O corpo do peão

fica estatelado no chão quase o dia inteiro aguardando a polícia para o registro da ocorrência, enquanto isto a paralização nos trabalhos do matadouro aborrece o patrão que avalia o “prejuízo de um dia de trabalho improdutivo” (MAIA, 2014, p. 92) A banalização da morte é percebida quando se observa que o lamento do patrão, que inclusive se intitula um cristão praticante, não se associa à perda do funcionário, uma vida bestialmente perdida, mas aos prejuízos que lhe causa a inoperância dos trabalhos. A vulgarização da vida por outro lado correlaciona-se à facilidade com que os trabalhadores são substituídos e esquecidos. São questões essas que pautadas tanto em *De gados e Homens*, quanto em outras narrativas da autora, propõe pensar em como as comunidades humanas estão percebendo e vivenciando tais fenômenos.

Considerando isso, é bom salientar que a ficcionalização da morte seja a natural, acidental, criminosa ou autoinflingida carrega o tácito propósito de fazer pensar sobre a vida, e o romance de Maia incorpora esta prerrogativa, é sobre a vida que versa a narrativa, embora não exclusivamente a humana. Ao tratar, por exemplo, da condição miserável dos pedintes que se ambientam as circunvizinhanças do matadouro à espera da carne renegada percebe-se as brutais contradições que alicerçam a vida moderna:

Bronco Gil dá tiros de espingarda para o alto assim coloca para correr mulheres e crianças famintas por vaca enjeitada...Retorna para o interior da fazenda arrastando a espingarda quente devido aos disparos, e pesaroso com a ideia de espantar cães e pessoas da mesma forma. Assim como Edgar Wilson, Bronco Gil ainda cultiva algum sentimento, profundamente escondido, pelos seus semelhantes, mesmo que na maior parte do tempo sinta-se assemelhado às bestas. (MAIA, 2014, p. 108)

O fragmento viabiliza pensar nas conseqüências da destituição dos laços afetivos, consoante isto, percebe-se que as personagens de Maia em sua maioria são cientes das dores do mundo. Tanto Edgar Wilson como Bronco Gil conseguem avaliar a sua condição em detrimento da condição de outros semelhantes,

desta maneira, quando Bronco Gil se compara ou compara seus iguais aos animais, a questão a ser avaliada não é mais quem é superior ou inferior a quem, mas a submissão de ambos a uma força de controle. Subscreeve-se nisso a naturalização dos diferentes níveis de desigualdade, o que distingue Bronco Gil dos miseráveis além do fato desse portar uma arma, instrumento que no contexto determina que tem o poder é a questão de o mesmo estar empregado enquanto os outros conformam a categoria de pedintes, no entanto, tanto este quanto aqueles não deixam de evidenciar o quanto a realidade em que ambos estão inseridos pode ser perversa.

Ponderando, portanto, essas prerrogativas, é que se pode afirmar que o suicídio coletivo dos animais no romance assume o propósito de lançar um olhar crítico sobre as vidas.

Os três homens decidem apenas observar o movimento tranquilo do gado e, quando todas saem do galpão, eles a seguem à distância. A primeira vaca pula e logo depois a segunda. Bronco Gil tenta evitar, mas é impedido por Edgar e Helmuth, que decidem apenas assistir ao espetáculo de horror. E assim, uma seguida da outra, até que todas se lancem no abismo após emitir um longo mugido. (MAIA, 2014, p. 111)

Colocando em pauta a morte voluntária, a romancista consegue, a partir de outros elementos, como a violência excessiva, a miséria, a sujeição, a alienação, a hipocrisia, problematizar quanto custa sustentar a farsa da vida. Consoante o proposto no romance, vale o subsídio extraído na provocação feita por David Hume. Somente a vida indigna faz pensar na morte, porque o natural para o que vive é repeli-la e não abraçá-la. Por isso é também tão emblemático o diálogo que Edgar Wilson mantém com o patrão após o episódio:

Edgar Wilson retorna quando escuta Seu Milo chamar por ele. — O que você acha que aconteceu, Edgar?

— Elas se mataram.

— São apenas animais, Edgar. Não têm vontade própria. Elas não pensam em suicídio.

— Acho que se afeioaram a gente. (MAIA, 2014, p. 115)

Talvez se possa dizer que essa conclusão a que chega Edgar Wilson, de que os animais tenham se afeioado justamente aos seus matadores, abarca o reconhecimento abismal de que a manutenção da vida deriva da morte. Avaliando tal possibilidade, vale pontuar que quando Hume problematiza a questão moral do suicídio, ele o faz diante da necessidade de pensar a morte voluntária como veemente resposta ao controle do pensamento sobre a morte. Segundo o filósofo, as crenças e as superstições elencadas ao tema são sustentáculos desse controle que, por sua vez, podem fazer proliferar formas da morte em vida. A questão a partir desse raciocínio propõe refletir sobre o que seria mais moralmente condenável, extinguir o sofrimento colocando fim à vida ou prosseguir num movimento que desapropria a vida dos feitos dignos, expondo-a a toda tipo de miserabilidade. O que Hume intenta com esses questionamentos não tem, contudo, pretensão apologética, através do suicídio ele projeta problematizar toda uma conjuntura discursiva por meio da qual se sustentam estruturas que condicionam a vida à absoluta aceitação da miserabilidade, da indignidade e da exploração. Dito isso, o suicídio coletivo dos animais pode ser interpretado como uma espécie de confronto à ideia de que a vida vale a pena a qualquer preço.

Ponderando sobre tal prerrogativa, é válido ressaltar que a teoria durkheimiana esclarece que a ideia de suicídio de fato pode ser contagiosa, segundo o sociólogo, não há dúvida de que o suicídio por imitação deriva de causas sociais, a imitação recíproca é fruto da partilha de sentimentos comuns, e quando ocorrem, tornam-se fontes fecundas para compreensão dos fenômenos sociais. Percebe-se que ao explorar o suicídio coletivo de animais em *De gados e homens*, a romancista oportuniza avaliar a gestão da vida, e isto equivale a questionar como as comunidades humanas estão gerindo a vida, como os indivíduos estão submetidos à sociedade, porque como assevera a filosofia humeana, a vida digna não se sustenta tendo como fundamento a servidão.

Quando a romancista explora o exercício de viver em que se perpetuam as condições de miserabilidade, seja através do que implora o alimento, ainda que impróprio, ou do que limpa a sujeira dos outros, do que faz justiça com as próprias mãos evidenciando o quanto o Estado é falho, do que ignora a participação na morte de outro, do que não consegue abster-se do lucro, do que se mantém alheio, entre outros, o que se propõe é não pensar justamente nas estruturas que sustentam as modalidades de morte em vida. Essa conjuntura torna pertinente a afirmativa de que “ninguém está impune” (MAIA, 2014, p. 126). Analisando o exposto, consideramos que nem toda circunstância permite afirmar que suicídio seja apenas uma forma de dizer sim à morte, num gesto de fuga ou covardia, como frequentemente é entendido, porque também se pode interpretá-lo como um combate em que se afirma a imperativa negação à forma como a vida está sendo conduzida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O romance de Maia abre, portanto, diversas lacunas através das quais se pode discutir os dilemas contemporâneos, nele optamos por analisar a questão do suicídio coletivo dos animais analisando o potencial alegórico que esta conserva como importante fonte para pensar a gestão da vida. Sustentados pela teoria durkheimiana que explora o suicídio como um fenômeno de origem social, percebemos que o ato pode ser potencializado a partir da forma como os indivíduos estão submetidos à sociedade, isto desde o princípio da era moderna em que mudanças profundas nos setores produtivos dilaceraram as relações sociais enfraquecendo os laços fraternais entre indivíduos.

Percebemos também que a gestão da vida como está referendada nesse e em outros romances de Maia permite problematizar a justificabilidade moral do suicídio, considerando que com o advento da modernidade, os processos que modificaram profundamente as relações humanas tornaram a vida um dispositivo no jogo político. Com isso, rompeu-se a noção de dignidade como um princípio norteador subscrito ao exercício de viver. A ausência desse princípio norteador parece interferir na capacidade do homem em

reagir os fatores e eventos que circunstanciam a banalização da vida, sendo este um aspecto bastante contundente na narrativa de Maia.

A dor, o sofrimento desnecessário, a miséria, a falta de perspectiva, a sujeição, aliados ao discurso que instituiu o medo da morte, outorga a outros a soberania sobre a própria vida, o que faz do homem efetivamente um objeto. Diante disso o que nós, juntamente com o filósofo David Hume, tentamos responder considerando o que Maia explora em suas narrativas é como continuar justificando a condenação moral do suicídio, se a vida não se apresenta digna de ser vivida. Como abonar que ela seja mantida a qualquer preço? Para atender quais interesses?

Esses questionamentos subsidiaram que pudéssemos então problematizar a significação do suicídio coletivo dos animais neste romance, tentando perceber nele não a ideia de fuga, covardia e outros julgamentos frequentemente associados ao ato, mas como uma forma de imperativa negação à conformação da vida como está sendo conduzida, assim, concluímos que o suicídio coletivo em *De gados e Homens* associa-se, a uma forma de combate a qualquer presunção que possa colocar o homem e outras formas de vida numa condição permanentemente servil.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* (Antônio de Castro Caetano, Trad.). São Paulo: Atlas, 2009.

BARBARENA, R. A. A hipercontemporaneidade ensanguentada em Ana Paula Maia. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 51, n.4, p. 458-465, 2016.

DERRIDA, Jacques. [1930] **O animal que logo sou**. Tradução Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PLATÃO. **Banquete, Fédon, Sofista e Político**. [Tradução José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa] Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.



GIORGI, Gabriel. A vida imprópria. Histórias de matadouros. In: **Pensar/escrever o animal**. Maria Esther (Org.) ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

HUME, David. Do Suicídio. In: **Da Imortalidade da Alma e Outros Textos Póstumos**. Tradução de: Jaimir Conte, Davi de Souza e Daniel Swoboda Murialdo. Ijuí: Ed. Ijuí, 2006.

MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

\_\_\_\_\_. **Assim na terra como embaixo da terra**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

\_\_\_\_\_. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos** [recurso eletrônico]: duas novelas. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MINOIS, Georges. **História do Suicídio**: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. Traduzido por Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.